



LIVRO VERMELHO DOS
MAMÍFEROS
DE PORTUGAL CONTINENTAL

Para efeitos bibliográficos, este livro deve ser citado da seguinte forma:

Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.)(2023). *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental*. FCIências.ID, ICNF, Lisboa.

A citação de cada capítulo deve seguir os termos da referência bibliográfica disponível no final do respectivo capítulo. A título de exemplo, esta citação deve obedecer ao seguinte formato base:

Santos-Reis M, Mira A & Lopes-Fernandes M (2023). *Mustela putorius* toirão. In Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.): *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental*. FCIências.ID, ICNF, Lisboa.

Apoio financeiro, beneficiários e parceiros

Este projeto é co-financiado pelo PO SEUR (POSEUR-03-2215-FC-000097), Portugal 2020, União Europeia – Fundo de Coesão e pelo Fundo Ambiental.

Teve como beneficiário a FCIências.ID – Associação para a Investigação e Desenvolvimento de Ciências e como parceiro o ICNF – Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas.

A coordenação técnico-científica ficou a cargo do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais (cE3c) da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e do Instituto da Conservação da Natureza e Florestas (ICNF), e contou como parceiros de execução com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Universidade de Aveiro (UA), Universidade de Évora (UE), ICETA – Instituto de Ciências, Tecnologias Agrárias e Agroambiente da Universidade do Porto (CIBIO-InBIO) e Mesocosmo – Consultoria, Tecnologia e Serviços Científicos, Unipessoal Lda.

Consulta e download da publicação em:

<https://livrovermelhosmamiferos.pt>

Cofinanciado por:



Beneficiário:



Parceiro:



Entidades participantes:



Apoios:

BONDALTI

REN



Erinaceus europaeus (Linnaeus, 1758)

Ouriço-cacheiro

Taxonomia

Eulipotyphla, Erinaceidae

Ocorrência

Residente – Res

Categoria

POUCO PREOCUPANTE – LC

Fundamentação: Espécie comum, com área de distribuição estável e sem declínios populacionais nos últimos 10 anos que indiquem a atribuição de categoria de ameaça.

Distribuição

Global: Tem uma distribuição alargada pela Europa ocidental e central, desde a Península Ibérica até às áreas costeiras e meridionais da Escandinávia, estendendo-se até à parte ocidental da Rússia e ao leste da Polónia e Eslovénia. Ocorre na Irlanda e Reino Unido (Pfäffle 2010), bem como em algumas ilhas do Mediterrâneo (Córsega e Sicília) (Blanco 1998).

Portugal: Ocorre em todo o território continental. Foi introduzido nos Açores, nomeadamente em São Miguel, Santa Maria, Terceira, São Jorge, Pico e Faial. Não ocorre na ilha da Madeira.

População e Tendência

População: A dinâmica populacional é desconhecida em Portugal, porém é durante o período do Verão que atinge os máximos populacionais. Apresenta uma grande mortalidade durante o Inverno, especialmente nos jovens. A taxa de mortalidade durante o primeiro ano pode atingir os 70 %. A média do tempo geracional é 3 anos (Nores 2007), sendo que na natureza podem viver até aos 6 anos e em cativeiro até aos 10 anos (Magalhães & Costa 2009). Em Portugal e Espanha não existem registos recentes da abundância ou densidade de ouriço-cacheiro (Hernández 2020). No entanto, em França estimaram-se densidades médias de 4,4 indivíduos/km² em áreas rurais e 36,5 indivíduos/km² em áreas urbanas (Hubert *et al.* 2011).

Tendência: Estável.

Habitat e Ecologia

Ocupa uma grande diversidade de habitats, desde áreas com elevada cobertura arbórea (bosques, floresta) até áreas mais abertas e humanizadas (Nores 2007, García *et al.* 2009). Localmente, pode ser encontrado em bermas de caminhos e de estradas, sebes, áreas agrícolas, parques e jardins urbanos, ou campos de golf (García *et al.* 2009, Bom 2020). Apresentam atividade crepuscular/noturna (Nores 2007) e um período de hibernação entre outubro e março com duração variável (Hernández 2020). Algumas populações da Península Ibérica não hibernam (Nores 2007, Hernández 2020). As áreas vitais variam entre 3 e 30 ha nos machos e entre 3 e 10 ha nas fêmeas (García *et al.* 2009, Hernández 2020). A dieta é composta sobretudo por invertebrados (insetos e minhocas), embora consumam ocasionalmente ovos, crias de aves e de pequenos mamíferos (Nores 2007). A informação sobre uso de habitat e atividade em Portugal é muito escassa.

Fatores de Ameaça

Em Portugal e na Europa o ouriço-cacheiro é suscetível a atropelamentos nas estradas com alguma frequência, sobretudo



Erinaceus europaeus ©Margarida Augusto

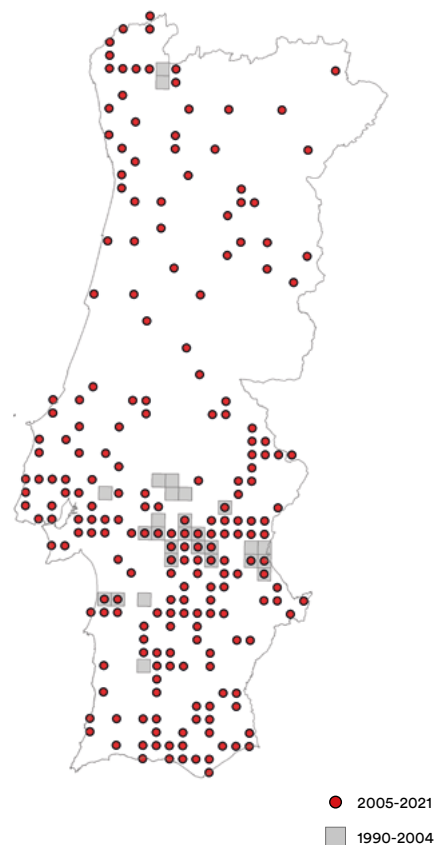
durante a primavera e verão, períodos em que são mais ativos. Na região de Évora, calcula-se uma média de 2,9 indivíduos atropelados/km/ano num período de 12 anos de monitorização (Universidade de Évora, dados não publicados). Neste conjunto de dados, verificou-se, a partir de 2010, uma redução de 14,5 % da mortalidade, podendo indicar uma redução das populações locais. No entanto, desconhece-se o impacto dos atropelamentos no tamanho das populações em Portugal. Em Itália também se verificou uma redução do número de atropelamentos da espécie nos últimos anos (Canova & Balestrieri 2019). Na Holanda, estima-se uma redução de 3 %-22 % da população nacional como consequência de mortalidade por atropelamento (Huijser & Bergers 2000), enquanto no Reino Unido a estimativa é de 10 %-20 % (Wembridge *et al.* 2016). No Reino Unido é referida a predação excessiva de ouriços por raposas e texugos, a perda de habitat, a expansão urbana, e a simplificação da paisagem agrícola (intensificação e diminuição de sebes) como fatores de ameaça às populações desta espécie (Pettett *et al.* 2018; Williams *et al.* 2018). O uso de pesticidas também é apontado como fator de ameaça (Canova & Balestrieri 2019).

Usos e comercialização

Em algumas regiões de Portugal era capturado para fins alimentares, estando agora esse costume em desuso. Presença frequente em centros de recuperação de animais selvagens devido à captura ilegal (entre outras causas).

Medidas de Conservação

Apesar de ser considerada uma espécie abundante em todo o país, faltam estudos em Portugal sobre a dinâmica da população em áreas naturais que permitam avaliar com rigor a sua tendência populacional. Relativamente à mortalidade, será benéfica a instalação de passagens inferiores para pequenos mamíferos em troços de estradas com maior concentração de mortalidade e a divulgação sobre a ilegalidade e o impacto da captura desta espécie.



Legenda do Mapa

Ocorrências confirmadas de ouriço-cacheiro *Erinaceus europaeus* em Portugal Continental nos períodos entre 1990 e 2004 e entre 2005 e 2021.

Citação recomendada desta ficha e avaliação:

Medinas D & Santos S (2023). *Erinaceus europaeus* ouriço-cacheiro. In Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.): Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental. FCIências.ID, ICNF, Lisboa.